

Um dia ...

CIDADE DE ESPOSENDE, PASSOS DA SUA HISTÓRIA

(Percurso Pedonal pela cidade de Esposende, de dificuldade baixa e com uma distancia aproximada de 4 km)

Cidade de Esposende

A elevação de Esposende a Vila remonta a 19 de Agosto de 1572, durante o reinado de D. Sebastião (1554-1578). Em 16 de Dezembro de 1886 adquiriu a categoria de julgado Municipal e em 27 de Outubro de 1898 a de Comarca Municipal. Foi após o período áureo da arte de marear, decorrido entre as centúrias de XIV e de XV, que Esposende conheceu o auge – entre os séculos XVI e XVIII – através do comércio marítimo e da construção naval.

Neste percurso pedonal pela cidade de Esposende, ficará a conhecer a sala de visitas do concelho de Esposende.

Este roteiro tem início no Largo Dr. Fonseca Lima, com uma visita ao Museu Municipal de Esposende que está instalado num edifício dos princípios do século XX, à época o Teatro-Club de Esposende, que saiu do traço do arquitecto Ventura Terra.

Ainda no Largo Dr. Fonseca Lima o busto de Henrique Medina, nome que está associado a Esposende em função das estadias do artista na aldeia de Goios, Marinhas.

O legado deste reconhecido pintor é grande, tendo materializado-se em Esposende na instalação e organização de um Atelier-Museu, em Góios, local onde fixara residência desde 1974 e acabaria por falecer aos 87 anos de idade.

No Largo Comandante Carlos de Oliveira Martins, fronteiro ao Dr. Fonseca Lima, a pequena capela do Senhor dos Aflitos.

A capela tem uma planta rectangular, com a fachada voltada a poente. A frontaria ostenta um frontão triangular, encimado por uma cruz trilobada assente num plinto. Os pináculos laterais são de base rectangular.

Após estas visitas, deslocando-nos através da Rua Barão de Esposende e do Largo Marquês do Pombal, chegamos a um outro largo, o do Pelourinho.

O pelourinho de Esposende terá tido lugar defronte da Câmara Municipal, até 1925, quando o estado de degradação em que se encontrava obrigou a que fosse reconstruído no local onde o pode agora observar. Trata-se de um interessante exemplar deste símbolo do poder concelhio.

Através da rua Narciso Ferreira, alcança-se o Largo Sacadura Cabral, local onde se implanta o edifício do antigo Grémio da Lavoura de Esposende. Esta casa datada do séc. XVIII, hoje em ruína, apresenta na sua fachada elementos

compositivos de remate em cantaria bastante cuidados – cunhais, cornija e envasamento.

Da rua Dr. José Manuel Oliveira chega-se à Biblioteca Municipal.

Tendo como suporte físico a denominada Casa do Arco, a Biblioteca Municipal ocupa um conjunto de outros dois edifícios datáveis dos séculos XVI e XVIII. Aqui se guarda para consulta todo o acervo documental acerca da história e tradição deste concelho.

Quem ascende pela Rua da Senhora da Saúde, desde a Praça do Município, e ultrapassa a estrada Porto-Viana do Castelo (EN 13), repara num soto arborizado onde se implanta a Capela da Senhora da Saúde.

A actual capela da Senhora da Saúde é de finais do século XVIII. A frontaria é muito singela, simétrica e o branco da fachada contrasta com a cinza do granito das molduras e ângulos. Este pequeno santuário mariano consta de capela-mor, nave, coro e sacristia e é envolvido por um amplo adro vedado por um muro granítico e ponteados de frondosos plátanos.

Voltando ao centro da cidade através da rua da Senhora da Saúde, eis a Praça do Município.

A igreja da Misericórdia faz parte de um complexo de edifícios que inclui também a Casa da Misericórdia, cuja confraria foi instituída em 1595. O templo actual data de 1893, conforme uma inscrição existente no seu interior. No interior da Igreja da Misericórdia, está construída a Capela do Senhor dos Mareantes. Trata-se de uma Capela de características excepcionais, classificada como Monumento Nacional.

Numa das extremidades desta praça, poderemos apreciar o busto do poeta António Correia de Oliveira, da Casa de Belinho, em Antas.

O poeta António Correia de Oliveira era natural de São Pedro do Sul, onde nasceu no ano de 1879. Em 1912, por casamento com uma senhora de família proprietária em Belinho, veio viver para a Quinta das Rosas. Aí permaneceu até à morte, em 1960.

O edifício dos Paços do Concelho, de origem setecentista, sofreu remodelações ao longo dos anos que lhe conferiram o aspecto actual. A galeria térrea composta em arcada que faz a ligação entre a rua 1.º de Dezembro e o Largo Fonseca Lima, é de apreciável valor.

Na rua 1º de Dezembro, também conhecida como “rua direita”, poderemos dar largas ao nosso espírito consumista e adquirir uma recordação numa das lojas da artéria comercial mais movimentada da cidade. Um verdadeiro centro comercial ao ar livre.

O Palacete de Valentim Ribeiro da Fonseca, na rua 1.º de Dezembro, trata-se de um edifício estilo Arte Nova, mandado construir no início do século XX, por Valentim Ribeiro da Fonseca.

Após a rua “Direita”, já no Largo Rodrigues Sampaio, é a morada da actual Igreja Matriz.

A igreja matriz é um edifício de meados do século XVI, como muitos dos monumentos de Esposende. Sofreu já alterações e restauros posteriores, mas o conjunto denota claramente a sua origem cronológica.

Neste Largo Rodrigues Sampaio, detemo-nos para apreciar a estátua a António Rodrigues de Sampaio, nascido em Mar, em inícios do séc. XIX.

Ainda no mesmo largo, no topo poente, o Monumento ao Homem do Mar de Esposende é uma sentida homenagem e simboliza o esforço das populações que do mar tiraram sustento e também daquelas que construíram as embarcações necessárias à faina marítima.

Daqui, um pequeno “pulo” até às Piscinas Foz do Cávado, junto à margem direita deste rio, em frente ao Posto de Turismo e nas imediações do futuro Museu Marítimo de Esposende.

As Piscinas Foz do Cávado encontram-se integradas num complexo de lazer, na cidade de Esposende entre a marginal e a margem direita do rio Cávado.

Na Praça D. Sebastião, frente às Piscinas Foz do Cavado, a estátua de D. Sebastião.

A 19 de Agosto de 1572, o rei D. Sebastião concedeu foral à Vila de Esposende. Na comemoração do IV centenário desse momento tão significativo para Esposende, a Câmara Municipal decidiu erigir um monumento em memória do monarca, na praça de seu nome.

Pela Av. Eng. Arantes de Oliveira, após o Mercado Municipal para norte, através da rua da Frita encontra-se a Capela de São João Baptista, em rua com a mesma designação.

A capela data da segunda metade do século XVII, bem como o interessante cruzeiro que podemos encontrar bem perto.

No final da rua de São João, a norte, através da Avenida Rocha Gonçalves, quem desejar pode observar o Hospital Valentim Ribeiro da Fonseca.

O edifício deste Hospital saiu do risco do Arquitecto Ventura Terra, nos inícios do século XX, ainda sob o regime monárquico.

Prossigamos o percurso, através da Marginal (Av. Eng. Arantes de Oliveira), à margem do estuário do Cávado, com uma esplêndida vista sobre as suas águas, até à Praça das Lampreias

O forte de S. João Baptista ergue-se junto à foz do Cavado, no limiar do rio e do mar. É um edifício de origens seiscentistas, mandado erigir por D. Pedro II, mas que viu a sua construção prologar-se pela centúria seguinte. Foi parcialmente desmantelado aquando da instalação do farol e também quando decorreram as obras de enrocamento da barra do Cávado.

Rio Cávado

A reunião do rio Cavado como Mar é um espectáculo que merece algum tempo de observação e de enlevo...

O Rio vai-se espraiando no estuário, numa curva lenta em direcção ao Atlântico. Está protegido a poente pelo Ofir e a nascente pelas terras de Esposende. Aquela fita de água dirige-se ininterruptamente para o seu final, mergulhando nas águas do grande Oceano.

Mesmo no final do estuário do Cavado há bons locais para admirar esta paisagem de uma beleza inconfundível: um bar, com a sua esplanada, ou um passeio pela marginal, arranjada para isso mesmo, onde o deambular de bicicleta ou a pé apetece, nos fins-de-tarde cálidos de Verão, ou num dia mais agreste de Outono...

A morte da água

Um dos passeios que mais gosto de dar é ir a Esposende ver desaguar o Cávado. Existe lá um bar apropriado para isso. Um rio é a infância da água. As margens, o leito, tudo a protege. Na foz é que há a aventura do mar largo. Acabou-se qualquer possível árvore genealógica, visível no anel do dedo. Acabou-se mesmo qualquer passado.

É o convívio com a distância, com o incomensurável. É o anonimato. E a todo o momento há água que se lança nessa aventura. Adeus margens verdejantes, adeus pontes, adeus peixes conhecidos. Agora é o mar salgado, a aventura sem retorno, nem mesmo na maré-cheia. E é em Esposende que eu gosto de assistir, durante horas, a troco de uma imperial, à morte de um rio que envelheceu a romper pedras e plantas, que lutou, que torneou obstáculos. Impossível voltar atrás. Agora é a morte. Ou a vida.

Ruy Belo, *in Obra poética*, I, 1984, p.182

VILA DE FÃO, PASSOS DA SUA HISTÓRIA

(Percurso Pedonal pela vila de Fão, de dificuldade baixa e com uma distancia aproximada de 2 km)

Em Fão, antigo centro salineiro da Idade Média, destaque para a sua zona histórica.

Na antiga estrutura urbana da vila, na margem esquerda do Cávado, quando calcorreamos as suas ruas, é fácil de constatar a grande influência que a cultura brasileira operou nos inícios do séc. XX, através do gosto brasileiro dos ricos “torna-viagem” que mandaram erigir notáveis residências. Estas marcas estão bem patentes, por exemplo, no actual Largo do Cortinhal, na imponente residência de Pinto de Campos, comandante da Marinha Mercante, assim como no topo Sul da Alameda do Bom Jesus. É neste espaço que Francisco de Campos Morais, fundador da casa Campos Morais & C.a, na cidade de Rio Grande do Sul, implanta o seu ‘palacete’, recriando um ambiente tipicamente brasileiro.

A igreja paroquial de Fão, na R. Prior Gonçalo Viana, sob a invocação de S. Paio, é um templo de edificação entre os séculos XVII e XIX, que sofreu alguns estragos motivados pelas intempéries.

Na Av. Dr. Manoel Paes situa-se a Igreja da Misericórdia de traça Renascentista. O edifício de finais do século XVI, apresenta um frontão, no interior do qual está um nicho, com concha decorada, abrigo de uma Nossa Senhora, que parece datar do século XVIII.

Ainda na zona mais antiga da vila Fão, num edifício que data dos meados do século XX, encontrará o Museu d’Arte.

Próximo da EN 13, ligeiramente periférico ao centro da vila, vale a pena procurar a Igreja do Bom Jesus de Fão, no denominado de Largo do Bom Jesus.

A igreja é um edifício dos inícios do século XVIII, como bem mostra o seu estilo, típico dos santuários de peregrinação.

A caminho para Ofir, poderemos visitar o Cemitério Medieval das Barreiras, um dos testemunhos de localização da comunidade medieval na vila de Fão.

Este cemitério é dos mais significativos monumentos deste tipo em toda a Península Ibérica. O número de sepulturas que foi possível identificar ascende a cerca de duas centenas e as datações oscilam entre os séculos XI e XIV.

No lugar da Bonança, entre dunas e pinhal, situa-se o Facho e Capela da Bonança.

O Facho da Senhora da Bonança funcionou como farol para os navegantes até que novas dunas se formaram entre a sua localização e a costa, tornando-o inútil. É um edifício do século XVI, construído em cantaria.

Muito perto encontramos a Capela da Senhora da Bonança, onde os homens do mar vêm pedir protecção para a actividade piscatória e as viagens marítimas.

Prosseguindo um pouco para norte, através da EM 501, em paralelo, se chega a Ofir, estância turística de veraneio mundialmente conhecida, com a sua extensa praia areias finas contornadas por dunas com vegetação rasteira.

A praia de Ofir é uma beleza! A areia é finíssima, a exposição solar não podia ser melhor, as dunas são um convite a perder de vista...

E o pinhal de Ofir também não desaponta! Os grandes pinheiros mansos dão uma sombra bem-vinda nas horas de maior calor, e o ondular suave das dunas monta um pinhal que sem ser monótono, convida à tranquilidade...

Mas Ofir também é animação: os bares, os hotéis, as discotecas, o frenesim dos agitados dias e noites de Verão fazem desta uma das zonas mais procuradas da região.

De Inverno, a paz instala-se... mas nos dias ensolarados e frios, quando o Atlântico não se lança furiosamente contra as dunas, um longo passeio pela praia pode ser uma maravilha também.

Ao longe, no mar, os lendários Cavalos de Fão (rochas).

Voltando para trás (poente), através da Av. da Praia ou Raul de Sousa Martins, regressemos à Vila de Fão. Retomemos agora a viatura para uma visita a outros locais emblemáticos do concelho de Esposende.

Apúlia

Os antigos moinhos de vento e as “arrecadações” em xisto, hoje habitações de veraneio, anunciam a praia de Apúlia com “A areia fôfa, o mar sereno, as ondas cariciosas, a planície coberta de milharaes (...)”, como refere José Augusto Vieira no seu Minho Pitoresco. A praia da Apúlia, hoje, é conhecida principalmente como zona de veraneio. Terra de Sargaceiros, Apúlia e a sua praia são “invadidas” sistematicamente por sargaço, essa alga marinha com características medicinais e que serve igualmente, depois de seco, como fertilizante para os campos de cultivo.

Barca do Lago (Gemeses)

O Cavado aqui é largo... com águas tranquilas e espraiadas pelas margens baixas, parece um lago, realmente. Enquanto não se fez uma ponte sobre o rio, este era um dos melhores locais de passagem, desde os remotos tempos medievais em que peregrinos se deslocavam para Santiago de Compostela aqui ultrapassavam o Cavado em barca.

São Lourenço (Vila Chã)

O Castro de S. Lourenço foi edificado por povos da Idade do Ferro, no alto de uma das elevações da arriba fóssil – uma cadeia rochosa que se desenvolve paralelamente à linha da costa atlântica.

Nas imediações do Castro São Lourenço não deixe de visitar a capela de São Lourenço e admirar a paisagem no miradouro.

A actual Capela de S. Lourenço, construída na década de 1940, substituiu um outro templo bem mais antigo, provavelmente datado dos séculos XV ou XVI.

O miradouro de São Lourenço é um ponto privilegiado, uma vez que avistamos uma vastidão em redor!